

## ENERGIA RENOVÁVEL E LÍDERES NOVOS

**\* Roberto Rodrigues**

Sob a liderança do professor Jeffrey Sachs, a Universidade de Columbia – NY realizou no fim de março a Conferência Anual, State of Planet.

Em sua lista das dez principais questões que os Estados Unidos deveriam enfrentar neste ano estão, por exemplo, a necessidade urgente do fim da guerra com o Iraque, o aquecimento global e o uso da água.

Mas o oitavo ponto da lista é bastante importante para o Brasil: “convocar o congresso para eliminar imediatamente os subsídios para o etanol, de modo a reduzir a pressão sobre os preços dos alimentos nacional e globalmente, e para racionalizar a temática sobre energia sustentável”.

Isto dá uma boa idéia do debate na sociedade norte-americana sobre o uso do milho para produzir etanol, sobre o qual se atribui a responsabilidade pelo aumento dos preços dos alimentos.

Na mesma direção, a última edição da revista Times tem uma matéria de capa condenando o etanol, afirmando que seus consumidores estão pagando para enriquecer alguns grandes empresários, encarecendo a comida para os mais pobres. Tal análise também se faz na União Européia, onde neste ano foi difícil manter o programa de biocombustíveis.

Trata-se de uma campanha tão forte e repetitiva, que dá a impressão de ser coordenada. A quem interessaria isto? Talvez a alguns setores da indústria do petróleo e a outros da indústria de alimentos que perderam dinheiro com os maiores preços do milho americano por não conseguir repassá-los aos seus consumidores de baixa renda.

Isto faz parte do mundo dos negócios: desinformação e contrapropaganda têm peso, tanto quanto informação e propaganda. Mas é impressionante como o etanol de cana não é poupado, como se seu uso perturbasse a oferta de alimentos, o que não é o caso. Todo mundo está cansado de saber que o atual momento de preços altos se deve a um inesperado desequilíbrio entre oferta e demanda de grãos em função de dois fatores: o espetacular aumento de renda dos países emergentes que ampliou e consumo de alimentos; e a redução da oferta por causa da seca em vários países, como Austrália, Ucrânia, Europa Central e América do Sul nas últimas safras. Com isso, os estoques de cereais caíram, elevando os preços, e a destinação do milho americano para o etanol é apenas uma parte, e não a mais importante, desta questão.

Mas o mal maior é que a agroenergia, uma maravilhosa alternativa de energia renovável (e não é só o etanol ou o biodiesel, é também a bioeletricidade, a redução das emissões de CO<sub>2</sub>) vai perdendo terreno no cenário mundial, reduzindo a chance de gerar riqueza, renda, empregos e progresso nos países tropicais, podendo melhorar até a geopolítica internacional.

Nesta semana aconteceu a conferência anual do BID, e apesar da coragem do seu presidente, de empurrar o assunto com tal visão, ficou claro que muitas lideranças governamentais do nosso continente não têm a compreensão das vantagens que podem auferir com a agroenergia. Talvez energia renovável exija renovação de líderes.

Em boa hora a APEX e a UNICA se juntam para fazer a campanha do nosso etanol e mostrar suas vantagens sobre o do milho. Também é hora de apoiar o professor Sachs na sua demanda contra os subsídios americanos, bem como ao presidente do BID, Luis Alberto Moreno, em sua campanha a favor da agroenergia na América Latina.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**